



SEÇÃO: DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS COMO FRATURA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Enunciados LGBTQIA+(fóbicos) em ambiente digital: post e comentários de Facebook à luz do heterodiscurso dialogizado

LGBTQIA+(phobic) utterances in a Digital Environment: Facebook post and comments in the light of dialogized heterodiscourse

Enunciados LGBTQIA+(fóbicos) en un entorno digital: publicación y comentarios en Facebook a la luz del heterodiscurso dialogizado

Filipe Santos Guerra¹

orcid.org/0000-0002-7538-9693
filipe.guerra16@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira¹

orcid.org/0000-0002-3663-3462
marciahelenad@yahoo.com.br

Recebido em: 31 maio 2022.

Aprovado em: 5 set. 2022.

Publicado em: 29 nov. 2022.

Resumo: Hodiernamente, temos acompanhado acréscimos significativos sofridos pelas tecnologias de comunicação ao longo dos anos, principalmente com o advento da Internet. Esses acréscimos viabilizaram uma maior complexidade no modo como interagimos em contextos sociais específicos, a exemplo das redes sociais virtuais, que nos possibilitam tratar dos mais diversos temas. Tendo isso em vista, decidimos analisar o fenômeno do enunciado no *Facebook*, verificando um *post* da rede social em questão que apresentasse discurso LGBTQIA+(fóbico), uma vez que essa pauta ainda é um tabu no Brasil e no mundo. Nosso objetivo foi analisar quais vozes sociais (re)soavam em uma publicação dessa natureza, lançando um olhar tanto para postagem quanto para os seus comentários (incluindo réplicas e tréplicas). Para isso, fundamentamo-nos, basilarmente, nos pressupostos teóricos elaborados por Bakhtin (2015, 2016) e Volóchinov (2018) acerca dos enunciados relativamente estáveis, do heterodiscurso dialogizado e do dialogismo. A análise e discussão dos dados nos revelou que o gênero *post* de *Facebook* é capaz de apresentar um enunciado cheio de vozes sociais que figuram nos mais diversos setores do cenário político-ideológico do Brasil. Vimos que o heterodiscurso pode se materializar não só na postagem em si, mas também nos comentários on-line presentes em uma publicação, local onde o "ouvinte" transita pela função de "falante" e dialoga com participantes da situação comunicativa e com a temática do *post*. Além disso, percebemos que o trabalho de integrantes/simpatizantes do movimento LGBTQIA+ é árduo e frequente, pois há sempre discursos arrematadores, que embasam/fortalecem discursos de ódio à comunidade LGBTQIA+, a serem combatidos.

Palavras-chave: dialogismo; discurso LGBTQIA+(fóbico); Facebook; heterodiscurso dialogizado.

Abstract: Today, we have followed a meaningful development of communication technologies over the years, mainly with the advent of the Internet. This development has made possible a greater complexity in the way we interact in specific social contexts, such as virtual social media, which enable us to discuss the most diverse themes. With this in mind, we decided to analyze the utterance phenomenon on Facebook, analyzing a post from the social network that presented LGBTQIA+(phobic) discourse, since this agenda is still taboo in Brazil and in the world. Our goal is to analyze what social voices (re)sounded in a publication of this nature, examining both the post and its comments (including replies and rejoinders). To achieve it, we are based on the theoretical assumptions elaborated by Bakhtin (2015, 2016) and Volóchinov (2018) about relatively stable utterances, dialogized heterodiscourse and dialogism. The analysis of the data revealed that the Facebook post genre can present an utterance full of social voices that resonate in the most diverse sectors of the political-ideological scenario in Brazil. We saw that heterodiscourse can materialize not only in the post itself, but also in the online comments, a place where the "listener" plays the role of the "speaker" and dialogues with the participants of the communicative event and with the



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil.

theme of the post. In addition, we realized that the work of members/supporters of the LGBTQIA+ movement is arduous and frequent, as there are always rallying speeches, which support/strengthen hate speech against the LGBTQIA+ community, to be combated.

Keywords: dialogism; dialogized heterodiscourse; Facebook; LGBTQIA+(phobic) speech.

Resumen: En la actualidad, hemos seguido las incorporaciones que han sufrido las tecnologías de la comunicación, principalmente con Internet. Estas adiciones hicieron posible una mayor complejidad en la forma en que interactuamos en contextos sociales específicos, como las redes sociales virtuales. Con esto en mente, decidimos analizar el fenómeno del enunciado en Facebook, revisando un post de la red social en cuestión que presentaba discurso LGBTQIA+(fóbico), ya que esta agenda sigue siendo tabú en Brasil y en el mundo. Nuestro objetivo era analizar qué voces sociales (re)sonaban en una publicación de esta naturaleza, echando un vistazo tanto a la publicación como a sus comentarios. Para ello, nos basamos en los supuestos teóricos elaborados por Bakhtin (2015, 2016) y Volóchinov (2018) sobre los enunciados relativamente estables, el heterodiscurso dialógico y el dialogismo. El análisis de los datos reveló que el género de publicaciones en Facebook es capaz de presentar un comunicado lleno de voces sociales que aparecen en los más diversos sectores del escenario político-ideológico en Brasil. Vimos que el heterodiscurso puede materializarse no solo en el post en sí, sino también en los comentarios online presentes en una publicación, un lugar donde el "oyente" transita el rol de "hablante" y dialoga con los participantes en la situación comunicativa y con la temática de la publicación. Además, nos damos cuenta de que el trabajo de los miembros/simpatizantes del movimiento LGBTQIA+ es arduo, ya que siempre hay discursos de convocatoria, que apoyan/fortalecen el discurso de odio hacia la comunidad LGBTQIA+, para ser combatidos.

Palabras clave: dialogismo; discurso LGBTQIA+(fóbico); Facebook; heterodiscurso dialogizado.

Introdução

A capacidade criadora humana tem desenvolvido distintas tecnologias intelectuais.² Estas, por seus turnos, portam práticas culturais, sociais e políticas de diferentes tipos, cuja institucionalização se dá por intermédio da linguagem. Isso posto, nos dias hodiernos, é fundamental nos atentarmos para o fato de que, assim como as formas de interação social canônicas – oral e escrita – modificaram-se e firmaram a sua coexistência

pacífica no correr do tempo, o planeta vive uma renovação – acompanhada de um acréscimo – nas formas de comunicação humana.³

De acordo com Xavier (2015), esses incrementos sofridos pelas tecnologias de comunicação – intensificadas com a *Internet* – tornaram possível uma transformação significativa no modo como interagimos em contextos sociais específicos. Considerando essa assertiva e o que foi dito no parágrafo anterior, um fenômeno relevante para o qual nossos olhares precisam se voltar são as redes sociais virtuais. Na perspectiva de Castells (2009), por meio delas, a interação simultânea não-presencial se tornou real, com sujeitos que agora rompem limites geográficos, temporais e linguísticos, entraves que eram, tempos atrás, definitivos no produto do processo comunicacional.

Visto isso, a rede social virtual que mais se popularizou desde o seu surgimento, em 2004, é o *Facebook*, que "[...] funciona como um registro histórico, político e social, no tempo e no espaço, de uma época que caracteriza a identidade como fluida, móvel, mutável e flexível" (PINHEIRO, 2013, p. 41).

De modo geral, o usuário do *Facebook* pode fazer publicações (sejam elas de caráter pessoal, político, acadêmico ou de qualquer outro campo da atividade humana), conectar-se a outros usuários e interagir com eles. Tendo isso em vista, o *Facebook* é bastante utilizado por grupos (anti)militantes, já que essa rede social tem democratizado o ativismo acerca de variados temas (seja esse ativismo favorável ou contrário a tópicos propostos), visto que, na *Internet*, qualquer pessoa pode tornar públicas suas posições político-ideológicas e atingir muitos sujeitos, os quais, concordando ou discordando delas, fazem com que essas opiniões se espalhem nas mídias sociais digitais.

Diante do que expomos até aqui, decidimos

² Segundo Lévy (2009), *tecnologias intelectuais* são recursos que amplificam, exteriorizam e modificam as múltiplas funções cognitivas humanas, a exemplo de "[...] memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos) [...]" (LÉVY, 2009, p. 157).

³ Temos ciência das contradições inerentes a todo o processo de inclusão social dos grupos mais carentes a essas (novas) tecnologias digitais de informação e comunicação, como o fato de que 37% da população mundial não possui acesso à *internet* (*Digital 2022: Global Overview Report – Datareportal*). No entanto, por este não ser o foco deste trabalho, não as problematizaremos ao longo do artigo.

lançar um olhar para o fenômeno do enunciado⁴ na interface digital *Facebook* a partir da primeira e da terceira atividade citadas no parágrafo anterior, quais sejam, a publicação de informações dos mais variados campos da atividade humana e a interação com outros usuários, examinando um *post* da rede social em questão que apresente discurso LGBTQIA+(fóbico).⁵ De modo mais específico, nosso objetivo é analisar quais vozes sociais soam e ressoam em uma publicação dessa natureza, a partir da perspectiva bakhtiniana de *heterodiscurso dialogizado*, observando tanto a postagem quanto os comentários e as respostas aos comentários de usuários que interagiram com o *post*.

A rede social *Facebook* foi eleita como nosso ambiente de investigação pelo fato de ela ser uma das mais multifacetadas condutoras de interação sociocomunicativa acessadas por meio das mídias digitais. Já a escolha da pauta LGBTQIA+(fóbica) se deu por considerarmos que o prejulgamento e a violência face à população LGBTQIA+ são exemplos axiomáticos do reflexo desses modelos estereotipados impostos ao seio social. Apesar de avanços na aceitação das múltiplas sexualidades que destoam do normativo, o debate sobre o assunto continua sendo de grande importância. Isso posto, o nosso local de pesquisa é uma rede de vasta abrangência social e, por conta disso, as discussões encontradas em *posts* do *Facebook*⁷ sobre a temática em questão são numerosas e profusas, o que nos proporciona um interessante *corpus* para análise.

Tencionando empreender o trabalho que nos

comprometemos a efetivar, utilizaremos como arcabouço teórico basilar deste artigo as premissas de Volóchinov (2018) a respeito do *dialogismo* e de Bakhtin (2015, 2016) acerca do *heterodiscurso dialogizado* e dos *gêneros discursivos*. Esses autores, pertencentes a um grupo de estudos que ficou conhecido como "Círculo de Bakhtin",⁸ consideram a língua uma atividade social, formada e significada na/pela relação entre locutor e interlocutor na interação verbal. Concordando com esse ponto de vista, mostraremos como essa teoria, cunhada no século passado, serve plenamente aos textos multimodais⁹ da atualidade.

Assim, o texto que se segue traz uma breve revisão de literatura sobre a teoria enunciativo-discursiva bakhtiniana, base do nosso artigo. Não obstante, tratamos, também, do *post* de *Facebook*, gênero discursivo digital que é foco da nossa discussão, bem como do movimento LGBTQIA+, campo social, político e ideológico no qual nosso *corpus* se encontra. Além disso, são comentados aspectos metodológicos da pesquisa e realizadas as discussões acerca dos dados que compõem o nosso *corpus*. Por último, são feitas considerações finais sobre o que a pormenorização dos dados nos viabilizou enxergar a respeito do que objetivamos, ou seja, o funcionamento do heterodiscurso dialogizado na materialização de enunciados na mídia digital *Facebook*.

1 Enunciado, Diálogo e Discurso: ponderações bakhtinianas

Como grupo de estudos, o Círculo de Bakhtin

⁴ Paulo Bezerra (conhecido tradutor das obras do Círculo de Bakhtin para a Língua Portuguesa) explica, em nota de rodapé do livro *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016), que Bakhtin emprega, em suas obras, o termo *viskázivanie* para se referir ao ato de enunciar, não fazendo distinção entre *enunciado* e *enunciação*, como ocorre em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Volóchinov (2018). Assim sendo, a opção de tradução de Bezerra para o termo é "enunciado" (conceito que será explanado na discussão teórica deste artigo).

⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais e todas as outras orientações sexuais e/ou identidades de gênero que não se encaixam em padrões cisheteronormativos. Essa cisheteronormatividade, segundo Rosa (2020), apresenta-se na opressão e na segregação de indivíduos não-cisgêneros (pessoas que não estão em total acordo com o gênero atribuído no nascimento) e/ou não-heterossexuais (pessoas que não sentem atração afetiva/sexual somente pelo sexo/gênero diferente do seu).

⁶ A expressão LGBTQIA+(fóbico), utilizada por nós neste artigo, faz referência a dois discursos ideologicamente circunscritos: o *discurso LGBTQIA+*, materializado por pessoas que estão inseridas nessa comunidade e/ou que são apoiadoras da causa; e o *discurso LGBTQIA+fóbico*, materializado por indivíduos que manifestam ódio e/ou rejeição a qualquer sujeito que se reconheça fora da cisheteronormatividade.

⁷ Vale ressaltar que, a partir do *link* da publicação, o sujeito, ainda que não tenha uma conta no *Facebook*, pode visualizar o *post* e seus comentários. A limitação, nesse caso, é a de interação: sem um perfil na rede social virtual em questão, a visualização de postagens é possível, mas os recursos de reagir e de comentar essas publicações (assim como vários outros) não se encontram disponíveis.

⁸ De acordo com Faraco (2009), o *Círculo de Bakhtin* foi um grupo multidisciplinar de pensadores que se reunia, periodicamente, entre os anos de 1919 e 1929, nas cidades de Nevel, Vitebsk e São Petesburgo/Leningrado. Sua constituição abarcava intelectuais diversos.

⁹ De acordo com Van Leeuwen (2011), o uso combinado de textos, imagens e sons, unidos aos eventos comunicativos, constituem a multimodalidade.

contribuiu para o esboço de teorias que abarcassem diversas áreas do conhecimento. Dentre elas, o âmbito da linguagem foi contemplado por reflexões de três pensadores: Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Neste artigo, vamos nos concentrar em algumas das assertivas dos dois primeiros.

De acordo com as afirmativas do Círculo de Bakhtin, a língua ganha sentidos conforme a situação de interação comunicativa. Para a teoria formulada por esse grupo, então, a palavra é um fenômeno ideológico, cuja realidade é entendida a partir da função de signo que ela desempenha. Nas palavras de Volóchinov (2018, p. 93), o signo "[...] não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante".

Desse modo, um signo gera sentidos próprios conforme as condições de produção dos enunciados. Uma vez que a situação comunicativa influencia diretamente no sentido do signo, este se mostra vivo e dialógico, apresentando, em sua materialização, dessemelhanças, oposições e embates de princípios sociais, os quais são considerados por Volóchinov (2018) como representações ideológicas manifestas no enunciado.

Bakhtin (2016) reforça a afirmação de Volóchinov (2018), ao dizer que o lugar da comunicação humana é a interação verbal entre sujeitos, chamada por Bakhtin (2016) de "enunciado" — noção que aparece com uma significativa relevância em suas assertivas.

Ao discorrer sobre esse conceito, o filósofo russo toma-o como *unidade da comunicação discursiva* e diferencia-o da *oração* e da *palavra*, as quais são consideradas por ele como *unidades da língua*, somente. Para provar que o enunciado é a real unidade da comunicação, Bakhtin (2016) argui que não se permutam orações como se permutam palavras (em uma acepção linguística) e agrupamento de palavras, mas sim permutam-se enunciados que são engendrados com o subsídio das unidades da língua: as palavras, as combinações de palavras e as orações.

O Círculo de Bakhtin considera que lidar com

o enunciado é lidar, também, com a interação verbal, com a circunstância em que ela se efetiva e com suas relações dialógicas. Desse modo, para esses estudiosos, o enunciado forma-se e ajusta-se na interação social, e é esse o ponto que faz com que ele seja considerado objeto de estudos da linguagem. Nas palavras de Bakhtin (2015, p. 49):

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, com sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte.

O autor defende que a completude de um enunciado se dá quando este se encontra ligado a uma resposta de outro enunciado, sendo que a manifestação deles é processada por intermédio dos *gêneros do discurso* (os quais serão discutidos em subtópico posterior deste artigo). Isso significa que, segundo o filósofo russo, todo enunciado é direcionado ao *outro*, e, assim, o *dialogismo* é considerado o princípio da existência humana. Esse raciocínio é ratificado por Volóchinov (2018), para quem o homem só pode ser pensado dentro das *relações dialógicas*.

Diante do exposto, ressaltamos que as relações dialógicas são um conceito caro para a teoria bakhtiniana; afinal, dentro dessa perspectiva de estudo, o discurso só obtém sentido a partir delas. Para além disso, Bakhtin (2013) define as relações dialógicas como relações de sentido entre enunciados, tendo em vista o todo da interação verbal.

Não obstante, é válido ressaltar que a comunicação verbal está ligada à situação concreta; sendo assim, na prática, o discurso só ocorre no contexto sócio-histórico real, o qual é incumbido de atribuir não só valor, mas também significado às palavras, que, por sua vez, são dotadas de conteúdo e explanam embates da sociedade. Isso vai ao encontro de uma outra premissa bakhtiniana: a de que os enunciados resultam do encontro de variadas vozes, uma vez que os signos não

podem ser unívocos; só podem ser plurívocos. Trataremos mais detalhadamente desse ponto no subtópico a seguir.

1.1 Vozes que Soam e Ressoam: o heterodiscurso dialogizado

De acordo com Bakhtin (2015), quando consideramos a multiplicidade de línguas sociais, percebemos que a linguagem possui uma realidade heterogênea, ou, em seus termos, *heterodiscursiva*¹⁰. Para ele, a diversidade de discursos revela a estratificação interna da língua, que, *grosso modo*, diz respeito ao fato de a língua, mesmo sendo uma, ser plural (MELO JÚNIOR, 2022). Em outras palavras, a língua única não é capaz de impedir a multiplicidade de linguagens que despontam ancoradas nela.

A partir desse raciocínio, Bakhtin (2015) afirma que duas forças opostas e aparentemente contraditórias atuam na língua, quais sejam: as forças centripetas e centrífugas. Nas palavras de Filho (2010, p. 15),

[...] as forças centripetas atuam com vistas a normatizar, unificar e tornar homogênea a língua, ao passo que as forças centrífugas atuam no sentido de estratificar e tornar heterogênea a língua. Estas duas forças podem ser compreendidas também como dois discursos que atuam sobre as línguas, o que faz com que os enunciados reais sejam o terreno onde estas forças duelam.

Isso posto, vale acrescentar que Bakhtin (2015), ao tratar dessas forças, não o faz com base no campo dialetológico, mas sim, como salienta Melo Júnior (2022), no campo do entendimento da língua sócio-histórica como saturada ideologicamente. Isso significa que, consoante Bakhtin (2015), a diversidade de discursos abraça a multiplicidade de quaisquer vozes socioculturais que os ressoam em seu enfoque histórico-antropológico.

Tendo em vista o exposto, para o teórico russo,

o heterodiscurso diz respeito ao uso paralelo de tipos distintos de linguagens sociais (discursos), entrepostos em uma mesma língua, e à tensão entre eles nas (rel)ações que empreendem e efetivam dentro de um texto. Nas palavras de Carmo (2022, p. 115-116, grifo do autor),

[...] os pressupostos de Bakhtin sobre Heteroglossia (1988 – 2015) se afastam das perspectivas que se arregimentam a favor da monologicidade dos discursos, da voz única e do silenciamento de pensamentos diversos, ao passo que o pensamento Bakhtiniano, presente em toda rede conceitual desenvolvida por ele e o Círculo, busca morada e abrigo nas filosofias que pensam os discursos e as próprias relações sociais a partir de atos e discursos que perpassam a dialogicidade constitutiva das relações humanas, inseridas nas teias das responsabilidades, do *eu* para com o *outro* e vice-versa.

Posto isso, o Círculo de Bakhtin considera a confluência sociocultural das vozes que ressoam discursos com a ação que é iniciada diante dos encontros delas. Assim, essas vozes podem, de parte a parte, contribuir com elas próprias, podem se apresentar de modo contrário umas às outras, podem se reproduzir, podem polemizar entre si mesmas, dentre diversos outros cenários. Trocando em miúdos, o universo próprio e legítimo de um enunciado são as balizas (o heterodiscurso dialogizado) em que as vozes sociais se (entre) cruzam e se mesclam sucessivamente e de modo multiforme. É com base nisso, inclusive, que vozes sociais novas e diferentes se estruturam.

Tal raciocínio está em Volóchinov (2018), quando o autor afirma que um enunciado é sempre uma resposta e, por isso, se apresenta em acordo ou desacordo a algo, mesmo quando não faz isso de modo explícito. Em outras palavras, o enunciado representa um elo do impartível fio da comunicação sociocultural. Para o linguista russo, a interação discursiva se embasa na compreensão *stricto sensu* (como processo de constituição), e a compreensão sempre responde/traduz o

¹⁰ Paulo Bezerra explica, em prefácio do livro *Teoria do Romance I: A estilística* (BAKHTIN, 2015), que, no Brasil, por vários anos os termos "heteroglossia" e "plurilinguismo" foram utilizados como tradução da palavra russa *raznoretchie*, que significa "diversidade de discursos" ou "heterodiscurso", sendo esta última a sua opção de tradução.

¹¹ A reflexão de Bakhtin (2015) sobre o heterodiscurso se faz a partir do gênero discursivo romance. Salientamos, porém, que, neste artigo, observaremos esse fenômeno da linguagem em outros gêneros: o *post* de Facebook e os comentários. No romance, há instâncias como autor-criador, heróis etc., que não aparecem nos gêneros supracitados. Disso decorre um modo particular de estruturarem-se e interagirem as vozes, representadas ou não, como mostraremos no decorrer da análise e discussão dos dados.

compreendido em um contexto diferente (em um contexto de uma resposta provável e verossímil). Desse modo, o dizer é, para Volóchinov (2018), formador de uma discussão axiológica em ampla proporção, ou, nos termos de Bakhtin (2013), todo dizer é intrinsecamente dialogado.

A respeito dessa dialogização, o sentido de *diálogo* em Volóchinov (2018) equivale a um axioma geral da linguagem, de cumplicidade correspondente e comunitária. Essa cumplicidade, no entanto, não é passiva ou se reduz apenas à comunicação, ou a mera permuta de opiniões frente a frente entre pares, os quais foram incorporados, juntamente com o contexto sócio-histórico, às discussões de língua(gem) por intermédio do dialogismo interativo. Como comenta Faraco (2009), o sujeito, para o grupo de estudiosos russos, se manifesta e talha-se mergulhado no sumo do heterodiscurso dialogado, haja vista que a realidade linguística se revela para ele, *a priori*, como um cosmo de vozes sociais em multifacetadas relações dialógicas, sendo essas dos mais variados tipos.

Faraco (2009) expõe que nenhum sujeito é capaz de apreender e/ou incorporar somente uma voz social, mas sempre numerosas vozes. Isso ocorre, segundo o autor, em virtude da heterogeneidade da realidade linguístico-social. Assim, esse sujeito nunca pode ser tomado como um ser verbalmente singular, mas sim como um dinâmico e acentuado "balaio de vozes sociais" e seus produtivos (entre)choques. Para o grupo de Bakhtin, o mundo interior de um sujeito simboliza um tipo de micromundo heterodiscursivo formado pela constante internalização do heterodiscurso social.

À luz, portanto, da teoria enunciativo-discursiva bakhtiniana, o sujeito é integralmente social – o motor do impulso e da lógica da consciência é extrínseco a ela – e absolutamente singular – os modos por meio dos quais uma consciência comporta-se aos seus estados objetivos são, de fato, singulares. Portanto, para o Círculo, o

sujeito tem a possibilidade e a capacidade de singularizar seu discurso por meio da interação viva com as vozes sociais, norteando-se na atmosfera heterodiscursiva.

Vale ressaltar que o sujeito bakhtiniano nunca está integralmente assujeitado aos discursos sociais, até porque, como diz Fiorin (2008), se assim fosse, as noções de heterodiscurso e de dialogismo teriam de ser negadas. A utopia bakhtiniana, segundo o linguista brasileiro, é poder resistir a todo processo centripeto e centralizador.

Dito isso, para responder como a teoria dialógica do discurso toma a língua(gem) e entende o(s) seu(s) uso(s), discutiremos, a seguir, as noções de *enunciado* e de *gêneros do discurso*, haja vista que eles operam como "conceitos-âncora", que atravancam versar sobre a linguagem como algo que está à parte das atividades sociais humanas.

1.2 Enunciados Relativamente Estáveis: gêneros discursivos em evidência

A teoria bakhtiniana estabelece uma estreita ligação entre o que é denominado de *gênero do discurso* e de *enunciado*. Esse elo pode ser delineado a começar do fato de que o grupo de estudiosos russos considera os sujeitos como agentes tanto dialógicos quanto sociais e a interação como a zona da linguagem, onde as trocas de experiências e conhecimentos ocorrem. Nessa concepção, a língua é manipulada como um dispositivo de relações sociais.

Considerando essa assertiva, é possível assumir que a língua, como atividade social, se realiza na ação comunicativa, e seus signos são bastante flexíveis, o que confere a ela um caráter plástico e plurissignificativo. Dito isso, Bakhtin (2016) afirma que o uso da língua é versátil e encontra-se sustentado por três pilares, definidos por ele como *estilo*, *estrutura composicional* e *conteúdo temático* dos enunciados. Esses pilares se conectam com campos¹² da atividade humana, de modo que os enunciados são sistematizados como *tipos relativamente estáveis*, chamados por

¹² Nas obras do Círculo de Bakhtin traduzidas para a língua portuguesa, oscilações entre os termos "campo" e "esfera" são frequentes. Pelo fato de as traduções mais recentes, feitas diretamente do russo, adotarem o termo "campo" em detrimento do termo "esfera", procederemos do mesmo modo.

ele de *gêneros do discurso*.

Ao mencionar a estabilidade "relativa" dos gêneros do discurso, Bakhtin (2016) preconiza que os gêneros são acomodaticios a variações, uma vez que suas formas são mais maleáveis que as formas da língua. Entretanto, é importante citarmos a advertência do teórico: mesmo sendo mutáveis, os gêneros não são, de modo algum, produtos individuais, haja vista que, para serem (re)conhecidos, diferenciados e classificados, eles necessitam resgatar determinadas formas consentidas e deliberadas nos campos de atividade humana em que orbitam. Além disso, eles também precisam acatar algumas disposições (im)postas pelo contexto sócio-histórico e discursivo de que estão circundadas as pessoas que interagem naquela atividade enunciativa singular.

Trocando em miúdos, para analisar certo gênero do discurso, é preciso considerar, também, aspectos sociopolíticos, socioculturais e sócio-históricos. De acordo com Bakhtin (2016), os gêneros, em cada fase de sua (re)elaboração, marcam a língua escrita, sendo utilizados para interagir em sociedade. Partindo disso, é importante considerar, como já pontuado nesse artigo, que um gênero discursivo é realizado em determinado momento sócio-histórico e está encerrado em um campo da atividade humana. Não obstante, os gêneros são discriminados justamente por esses distintos campos da atividade humana, que originam discurso(s) e assumem formas variadas, seguindo as funções da linguagem em uso.

Tendo em vista o que foi discutido até aqui, sublinhamos que é por meio da natureza dialógica do discurso que conceitos como o de gênero discursivo se mantêm abertos em face da riqueza e da variedade de linguagens e textos (em suas mais diferentes formas e fazendo uso de distintas e novas tecnologias) que se manifestam na sociedade atual. Essa afirmação nos dá base para discutir gêneros emergentes utilizando preceitos bakhtinianos, mesmo eles datando do século passado. Assim sendo, na seção a seguir, discorreremos rapidamente acerca

da rede social virtual *Facebook* e do gênero que será nosso foco de análise, a saber, o *post* de *Facebook*. Além disso, trataremos, também, do campo político-ideológico no qual o nosso *corpus* está ancorado: o discurso LGBTQIA+(fóbico).

2 O *Facebook* e os Discursos LGBTQIA+(fóbicos): entre o respeito e o preconceito

Segundo Correia e Moreira (2014), o *Facebook* se constitui como um *website* que (inter)liga seus usuários por meio de perfis, comunidades, páginas, grupos etc. Nessa rede social, é comum que sejam expostas as mais variadas informações sobre seus usuários (por parte deles próprios) e sobre assuntos de interesse geral (muitas vezes, problemáticas da sociedade que rendem longas discussões). Isso ocorre porque os sujeitos atrelam seus perfis aos perfis de outros utilizadores, bem como seguem páginas e participam de grupos que lhes chamam a atenção.

Essa rede social, no ano de 2021, de acordo com o *site* de notícias tecnológicas *Canaltech*,¹³ já conta com 2,94 bilhões de usuários mensais e tem modificado consideravelmente a maneira por meio da qual materializamos enunciados e, também, como recebemos os discursos com os quais nos deparamos no *Facebook*. A rede social virtual em questão sempre se inova e renova suas formas de interação e, conseqüentemente, abarca recursos multimodais que ditam tendências, todos os dias, no universo discursivo digital.

Dentro do *Facebook*, deparamo-nos – não somente, mas principalmente – com o gênero *post* de *Facebook*, o qual pode ser assim definido com base nos três pilares elencados por Bakhtin (2016) para caracterizar um gênero discursivo. Voltando o nosso olhar para esses três pilares genéricos, sobretudo para o *conteúdo temático*, e considerando que o *Facebook* é uma rede social de alto alcance, podemos afirmar que seus *posts* têm o potencial de contribuir copiosamente para a militância sobre as mais variadas e sortidas temáticas e problemáticas sociais, pois, como

¹³ Disponível em: [https://canaltech.com.br/apps/facebook-volta-a-apresentar-crescimento-de-usuarios-em-2022-215101/#:~:text=Confira%20alguns%20dados%20interessantes%3A,de%203%25%20ano%20a%20ano](https://canaltech.com.br/apps/facebook-volta-a-apresentar-crescimento-de-usuarios-em-2022-215101/#:~:text=Confira%20alguns%20dados%20interessantes%3A,de%203%25%20ano%20a%20ano.). Acesso em: 23 abr. 2022.

pontuamos na introdução deste artigo, nesse ambiente digital, as pessoas se sentem absolvidas de algum tipo de julgo social para tratar, em escala mundial, de suas posições político-ideológicas.

O capital social¹⁴ alcançado por meio dessa exposição e do envolvimento de sujeitos que concordam ou discordam dela pode provocar longas discussões, as quais podem ser profícuas, se considerarmos um cenário de debate saudável das temáticas suscitadas, ou muito contraproducentes, se olharmos para a violência verbal e para a produção de discursos de ódio que situações como estas podem ocasionar. Isso posto, um dos assuntos que sempre protagoniza um volumoso número de *posts* no *Facebook*, que geram calorosas discussões, é a temática LGBTQIA+, sobre a qual trataremos agora.

O movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e afins é caracterizado por ativistas que representam aqueles que fogem à cisheteronormatividade. Seu objetivo é a humanização e a valorização dos integrantes desse grupo, tencionando preservar a integridade e o bem-estar social dessa parcela da população que é carente de atenção por parte do Estado e vítima de discriminações de todos os tipos por parte da sociedade.

Segundo Simões e Facchini (2009), o movimento social LGBT, no Brasil, pode ser dividido em três "momentos". O primeiro momento seria marcado pelo fim da Ditadura Militar no país, período que ficou conhecido como "abertura política". Na opinião de Facchini (2003), essa primeira onda foi inovadora, não apenas pela inclusão de pautas políticas na discussão, mas também por tencionar uma igualdade entre todos os membros da comunidade, o que, paulatinamente, contribuiu para a construção de uma identidade do movimento social LGBT. Já o segundo momento, na visão da cientista social, seria a fase de redemocratização

do Brasil, que data do final da década de 1980, quando a participação do movimento social LGBT no cenário público se tornou evidente e constante. E, por último, o terceiro momento teria ocorrido ao longo da década de 1990, quando uma série de relações com instituições estatais e não estatais foi iniciada.

Vale ressaltar que, atualmente, alguns autores, como salientam Albernaz e Kauss (2015), acreditam que estamos vivendo um quarto momento desse processo. Nesta fase, países que adotam um regime democrático estão presenciando a busca pela realização de direitos LGBTQIA+, para que eles não se resumam a um mero formalismo discursivo.

Considerando o que vimos até aqui acerca do tema, vale ressaltar que, há algum tempo, como salienta Bortoletto (2019), estamos vivenciando um crescimento do movimento LGBTQIA+ e da visibilidade das questões que dizem respeito à temática das homo, bi, trans e outras sexualidades e da pluralidade das expressões e identidades de gênero em nosso país. Se, por um lado, há um avanço, no que diz respeito ao incremento do debate público acerca do assunto, esse mesmo avanço cria outros desafios para essa comunidade.

Nesse contexto, as redes sociais virtuais, como dissemos anteriormente, são difusoras natas de posicionamentos, o que ajuda no esclarecimento de pautas que ainda são tabus em nossa sociedade, como é o caso da agenda LGBTQIA+, mas, por outro lado, essas mesmas redes sociais virtuais propagam, também, *fake news* e/ou opiniões sobre temas que envolvem essa comunidade baseadas em valores ultraconservadores, o que contribui para o manutenção do ódio gratuito destilado a essa população.¹⁵

Em face de tais ponderações, consideramos essencial analisar vozes sociais circunscritas ide-

¹⁴ No presente artigo, entendemos *capital social* do mesmo modo que defende Costa (2012), que afirma que a expressão significa, *grosso modo*, o engajamento de um *post* em uma rede social, que pode ser mensurado a partir do volume de curtidas, compartilhamentos e comentários que uma publicação consegue angariar.

¹⁵ Exemplo disso é o caso de Carlinhos Mendigo, que se tornou réu pelo crime de discriminação racial (haja vista que o Supremo Tribunal Federal regulamentou, em 2019, a criminalização da homofobia e da transfobia a partir da lei 7.716/89, que pune como crime ações por preconceito de raça ou de cor) depois de o Tribunal de Justiça de São Paulo anuir uma denúncia do Ministério Público do estado, como salienta o portal de notícias *G1*. O ex-humorista do extinto programa televisivo "Pânico na TV", da emissora *RedeTV!*, fez comentários homofóbicos e transfóbicos em contas que possuía em redes sociais no ano de 2020, e isso o levou a responder um processo judicial. Ele confirmou a autoria das postagens, mas alegou se tratar de liberdade de opinião, uma vez que é cristão. Disponível em: <https://g1.globo.com>

ologicamente e que soam e ressoam em *posts* de *Facebook*, entranhando-se em suas muitas possibilidades de diálogo/interação e verificando a realização das vontades discursivas de seus interlocutores. Assim, na seção a seguir, exporemos as estratégias eleitas para coletarmos o *corpus* e, em seguida, analisaremos os nossos dados.

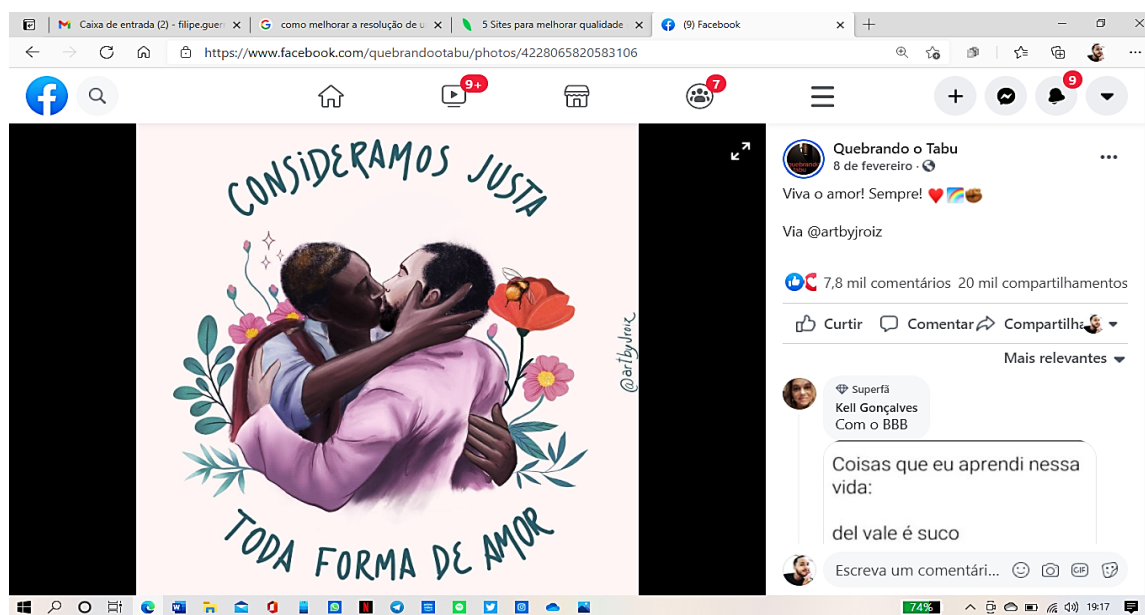
3 Construção, Desconstrução e Reconstrução de Vozes Sociais: o que acontece em um *post* LGBTQIA+(fóbico) do *Facebook*?

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados. Nosso *corpus* foi construído por capturas de tela de um único *post* de *Facebook* – uma publicação que tematizava assuntos concernentes à comunidade LGBTQIA+ e que apresentava a configuração de privacidade determinada como pública¹⁶ – e de alguns de seus comentários,

réplicas e tréplicas em uma página do *Facebook*. Tudo isso será exibido em três figuras, por meio das quais discutiremos como a materialização e o (des)encontro de vozes sociais em textos digitais do gênero discursivo em foco ocorrem.

O *post* que selecionamos para análise foi retirado da página *Quebrando o Tabu*,¹⁷ a qual conta com mais de doze milhões de seguidores e se define como “empresa de mídia/notícias” que objetiva tornar o mundo “mais bem informado e menos careta”.¹⁸ A escolha da *Quebrando o Tabu* se deu por considerarmos que ela não é exclusivamente uma página de militância LGBTQIA+, mas um veículo que trata de diversos temas. Assim sendo, heterossexuais e cisgênero também podem acessar a *Quebrando o Tabu*, o que contribui para uma discussão mais plural dos nossos dados. Vejamos, então, o *post*:

Figura 1 – *Post* que celebra o amor não heterocentrado



Fonte: Página da *Quebrando o Tabu* no *Facebook* (2021).¹⁹

Na postagem acima, a ilustração mostra dois homens, cercados por flores, se beijando, e en

voltos pelo enunciado: “consideramos justa toda forma de amor”. Na legenda da imagem, os mo-

com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/14/justica-aceita-denuncia-e-carlinhos-mendigovira-reu-por-homofobia-e-lgbtfbia-na-internet.ghtml. Acesso em: 31 ago. 2022.

¹⁶ Ocultamos os nomes e as fotos de perfil dos autores dos comentários no *post* que será analisado. Isso foi feito por questões éticas.

¹⁷ Além de a página ser acessível pelo *site Facebook* (mesmo que o indivíduo não tenha uma conta na rede social em questão, como dissemos anteriormente), ela está disponível, também, em um domínio próprio adquirido pelos seus moderadores Disponível em: <https://www.quebrandoatabu.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

¹⁸ Disponível em: https://web.facebook.com/quebrandoatabu/about/?ref=page_internal. Acesso em: 29 dez. 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandoatabu/photos/4228065820583106>. Acesso em: 28 fev. 2021.

deradores da *Quebrando o Tabu* escrevem "Viva o amor! Sempre!" e complementam o texto verbal com alguns *emojis*, quais sejam, o de coração (que habitualmente é usado para representar o amor); o de arco-íris (que é utilizado por internautas, dentre outras funções, para representar a bandeira LGBTQIA+); e o de punho cerrado (que, em suportes de discursos ativistas/militantes, costuma simbolizar "luta").

A imagem desse *post* representa dois participantes de um *reality show* muito famoso no Brasil: o *Big Brother Brasil*,²⁰ jogo anual que costuma movimentar as redes sociais durante os seus três meses de temporada. Na vigésima primeira edição do programa – que ocorreu entre 25 de janeiro e 4 de maio de 2021 –, dois jogadores (o ator Lucas Prata Penteado e o doutorando em Economia Gilberto José Nogueira Júnior), em uma festa ocorrida no *reality*, protagonizaram o primeiro beijo entre participantes homens desde a primeira edição brasileira do *show*.

A cena causou muito reboliço dentro da "casa mais vigiada do Brasil", pois todos sabiam da sexualidade de Gilberto (homem *gay*), mas muitas pessoas se chocaram quando Lucas assumiu sua bissexualidade após o ocorrido. Alguns participantes do *reality* (entre eles, duas mulheres bissexuais e uma mulher lésbica) acusaram o ator de "agenciar uma pauta coletiva" (a pauta LGBTQIA+) como um palco, em prol de uma estratégia de jogo, para "cair nas graças" do público. Essa situação foi a gota d'água para o participante, que já vinha sofrendo violência psicológica²¹ no programa, tomar uma difícil decisão: desistir da competição pelo prêmio de um milhão e meio de reais. Além disso, por ter sido exibida em horário nobre em um canal aberto de televisão, a cena também protagonizou grandes discussões entre o público do programa, as quais ganharam uma relevância significativa, e, em pouco tempo, o

assunto já era de conhecimento geral.

Feita essa contextualização, voltando à Figura 1, pontuamos duas noções caras para a análise de um *post* de *Facebook*, que são o momento cronológico em que ele foi produzido e os agentes envolvidos na interação. Em nosso caso, no que diz respeito ao momento em que foi elaborado, estamos nos referindo ao dia 8 de fevereiro de 2021, um dia após o beijo entre os participantes do *Big Brother Brasil* Gilberto e Lucas e da saída desse último do programa. Já acerca dos sujeitos envolvidos na cena enunciativa, há, de um lado, os moderadores da página *Quebrando o Tabu* e, de outro, os usuários do *Facebook* que comentam o *post*, como veremos posteriormente.

A postagem é formada por elementos que aludem o interlocutor ao contexto sócio-histórico situado *relativamente estável* e repleto de sentidos dialógicos, intimados com finalidades discursivas e objetivos interacionais específicos. Ou seja, os autores da postagem, posicionando-se em um quadro social específico dentre as múltiplas e variadas concepções políticas e ideológicas brasileiras da contemporaneidade, veicularam, em sua sua página do *Facebook*, um enunciado axiologicamente carregado de apoio à diversidade sexual e de protesto contra a bifobia.

Isso posto, a partir da Figura 1, notamos vozes sociais – circunstritas ideologicamente – em tensão imanente: ao passo que há uma voz militante que soa considerar justa toda forma de amor – em uma alusão à canção "Toda Forma de Amor",²² composta por Lulu Santos (um homem *gay*) –, existe outra, não-dita, mas ressoada, conservadora, que considera algumas formas de amor justas e outras não. Além disso, se por um lado existe uma voz, novamente apoiadora da causa, que soa ser importante celebrar o amor sempre, há outra, não-vozeada, mas que ressoa, preconceituosa, nem sempre ser válida essa

²⁰ *Big Brother* é um programa de televisão do gênero *reality show* extremamente popular. Nele, um grupo de pessoas fica impossibilitado de manter contato com o mundo exterior por volta de três meses. Dentro de uma casa, os jogadores não têm acesso à *Internet*, canais de televisão e afins. Para ganhar o prêmio (geralmente um valor na casa dos milhões de reais), os participantes devem permanecer na casa até o último dia do programa, que é quando a audiência, por intermédio de voto, elege o vencedor do *reality*.

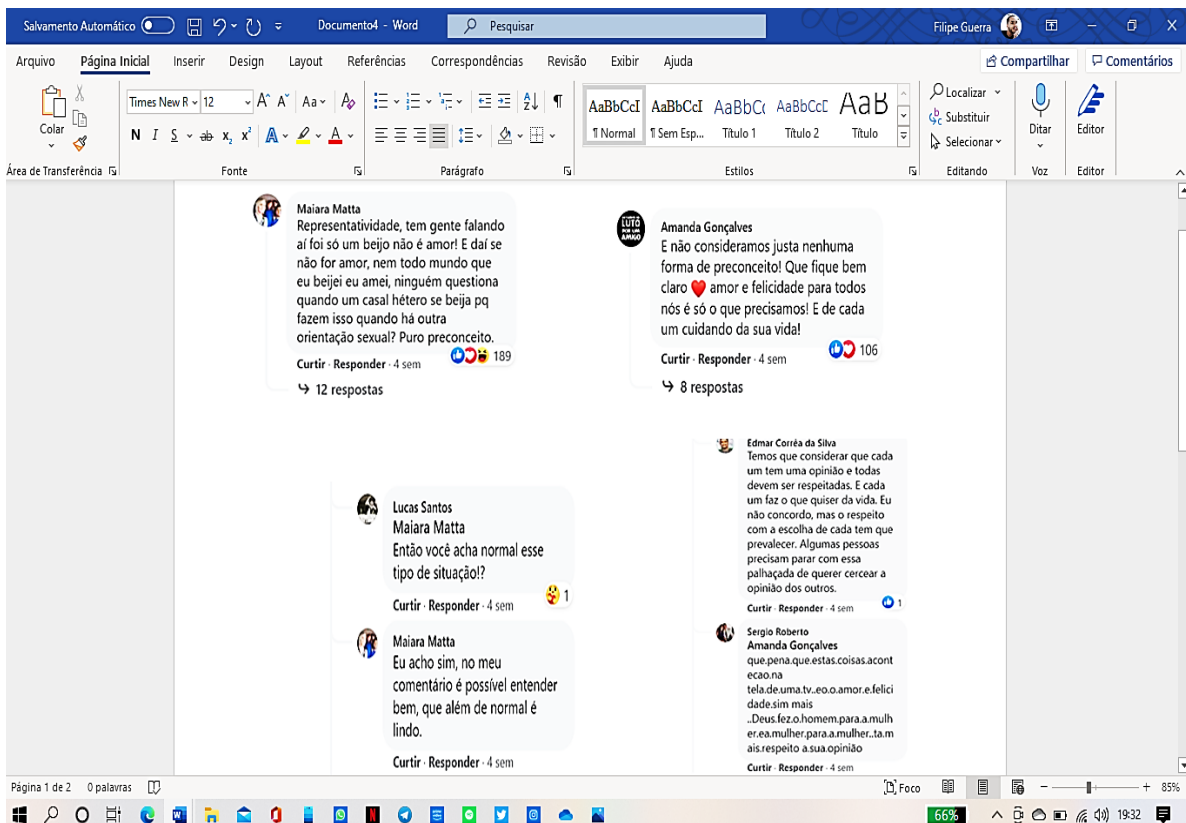
²¹ À época do programa, psicólogos e psiquiatras foram entrevistados para discutir diversas situações experienciadas pelo participante no *reality* e "denunciadas" pelo público. Exemplo disso é a matéria publicada pelo Jornal *Estado de Minas* em fevereiro de 2021, que se encontra disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/02/16/interna_cultura.1237987/bbb21-psiquiatra-comenta-a-tortura-psicologica-no-reality.shtml. Acesso em: 1 set. 2022.

²² Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=wU6hX4EJIRM&feature=share>. Acesso em: 2 mar. 2021.

celebração. Ocorre, ainda, uma voz ativista, que convoca a luta pela causa LGBTQIA+ (representada pelo *emoji* de punho cerrado), a qual revela haver uma outra voz, velada, segregadora, que rivaliza, oprime e ataca essa comunidade. Toda essa identificação das muitas (outras) vozes que interpelam e constituem esse *post* formam o heterodiscurso dialogizado, um vez que, como elencamos na seção 1 deste artigo e confirmamos com a primeira análise de dados, todo e qualquer enunciado está sempre em diálogo com outro (seja para concordar, discordar, polemizar etc.). Essa pluralidade de enunciados representa diferentes vozes sociais em um mesmo campo de atividade humana, dentro de uma mesma cena enunciativa, e instituem o heterodiscurso.

Considerando o que foi exposto até aqui e tendo em vista que a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin nos leva, enquanto pesquisadores, a identificar e analisar de que modo os sujeitos refletem e refratam a realidade por meio da interação discursiva, a seguir, apresentamos os comentários de alguns usuários²³ que interagiram com o *post*, verificando e discutindo os embates discursivos que eles empunham, baseados em suas posições axiológicas e no teor heterodiscursivo da publicação. Dito isso, nos atentemos, neste momento, à Figura 2, na qual são apresentados dois comentários, encontrados no *post* de *Facebook* em questão, e algumas respostas a esses comentários, as quais aparecem recuadas e na sequência dos comentários principais:

Figura 2 – Comentários no *post* que celebra todas as formas de amor (parte 1)



Fonte: Página da *Quebrando o Tabu* no *Facebook* (2021).²⁴

No primeiro comentário, na parte superior esquerda, encontramos um discurso que concorda

com a postagem, ao classificar o beijo entre os dois homens como “representatividade”. Além

²³ A escolha desses comentários se deu a partir do capital social angariado por eles até o momento de feitura deste artigo. Assim, os que geraram mais engajamento no *post* em análise foram selecionados para compor o trabalho.

²⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandoatabu/photos/4228065820583106>. Acesso em: 28 fev. 2021.

disso, a voz social presente nesse comentário se mostra simpaticante pela causa e defende que ninguém contesta um beijo protagonizado por heterossexuais, mas algumas pessoas fazem questionamentos quando o beijo não é cisheterocentrado, o que, na opinião da usuária do *Facebook*, é “puro preconceito”. Em seguida, há uma resposta a esse comentário, na parte inferior esquerda, a qual questiona o posicionamento da usuária: “você acha normal?”. Essa voz, oposta à anterior e carregada de desconhecimento da causa, traz um argumento que ainda é muito utilizado por pessoas que não aceitam a comunidade LGBTQIA+: a diversidade sexual seria uma doença mental²⁵ tratável em centros de “cura gay”. A réplica logo ganha uma tréplica da comentarista principal, que pontua que não só acha normal, como acha “lindo”, ratificando o seu posicionamento favorável à comunidade LGBTQIA+.

Visto isso, a tensão imanente nos liames ideológicos dessa discussão, travada entre comentário, réplica e tréplica, salta aos olhos e salienta a substancialidade de elo(s) na comunicação discursiva, como pontua Bakhtin (2016), haja vista que ela se norteia por meio de subsídios que a sobrepujam e por outros que são estabelecidos e realizados em fluxo contínuo. Assim sendo, é válido dizer que o movimento, tanto semântico quanto dialético, obtido por meio da recorrência ao heterodiscurso, provoca e potencializa o dialogismo da linguagem e, conseqüentemente, a (inter)ação discursiva: o primeiro comentário apresenta a opinião de um agente social e dialógico frente à questão levantada pelo *post*; a réplica a esse comentário questiona esse posicionamento a partir de um argumento baseado em uma apreciação valorativa diferente em relação ao tema; a tréplica, por sua vez, funciona não só como uma resposta à pergunta feita, mas também como reforço ao já dito. Isso mostra que os enunciados, aqui, só adquirem sentido em relação com os outros enunciados também presentes nessa

situação comunicativa, por isso a relação de diálogo é inerente ao enunciado (FIORIN, 2008).

Já no segundo comentário, na parte superior direita, há um discurso que vozeia uma discordância sobre a discriminação sofrida pelo grupo LGBTQIA+, ao afirmar que “nenhuma forma de preconceito é justa” e que todos merecem “amor e felicidade”. Esse enunciado sugere que cada sujeito deve se importar em cuidar da própria vida, somente.

Nas réplicas, dispostas na parte inferior direita da Figura 2, há duas respostas. A primeira apresenta duas vozes distintas: uma que se opõe à diversidade sexual, ao dizer “eu não concordo”, o que resvala em preconceito, e outra que concorda que todos merecem respeito, já que “a escolha de cada um tem que prevalecer”, o que demonstra certa empatia e abertura ao diálogo. Aqui, algo interessante ocorre: as vozes presentes no comentário principal e na primeira resposta parecem se desencontrar em determinado ponto — de um lado, há um sujeito que aparentemente não vê problema em relação ao que foge à heteronormatividade, e, de outro, há alguém que não aprova a homo-bi-transafetividade —, mas, no final das contas, eles encaixam seu ponto de contato (cada um tem a sua vida e faz dela o que bem entende).

A segunda réplica, por sua vez, também apresenta duas vozes: uma delas lamenta o fato de uma cena de dois homens se beijando ser exposta em rede nacional de televisão e se apoia em dogmas religiosos para argumentar sobre o seu ponto de vista, que revelam uma apreciação valorativa religiosa sobre o assunto, e a outra voz, presente nessa mesma resposta ao comentário, diz que respeita a opinião da usuária comentarista, o que, mais uma vez, mostra um ponto de contato entre comentário e resposta: cada um sabe de si e entende as coisas do seu modo.

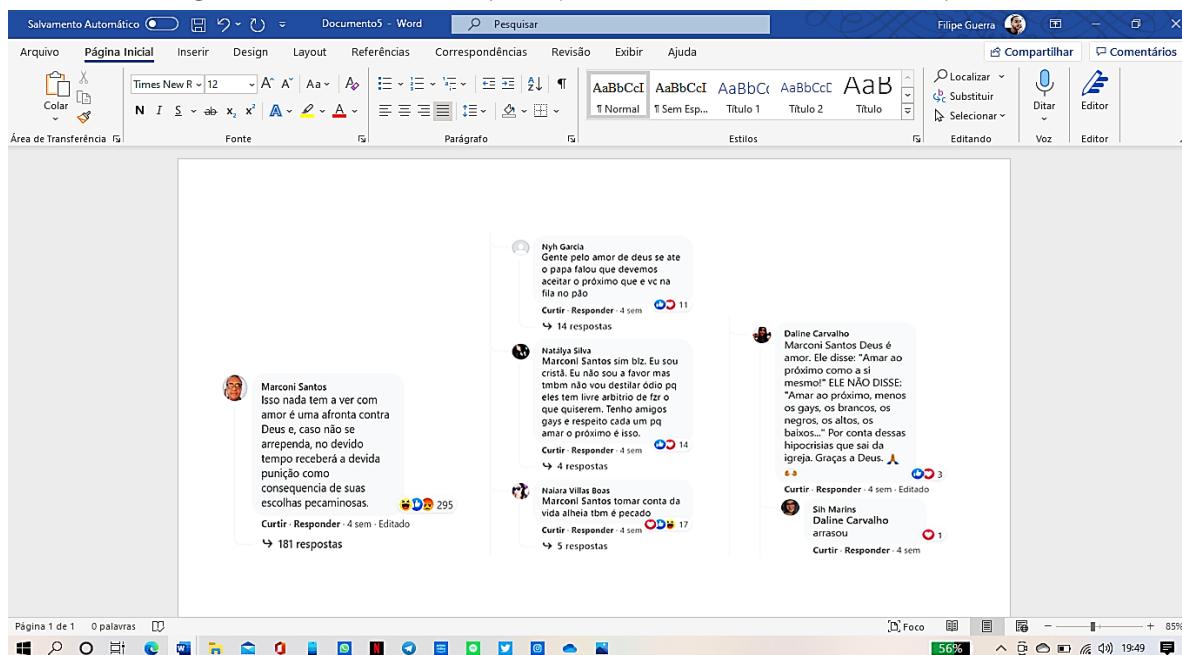
Diante do que foi discutido acerca da Figura 2, vemos que o heterodiscurso dialogizado abarca toda uma pluralidade de vozes/discursos que

²⁵ Até o final do século XX, a diversidade sexual era tratada como doença mental, mas, em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o “homossexualismo” da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID).

recheiam a vida social, discordando aqui, rebatendo-se ali, harmonizando-se acolá, relativizando-se uns aos outros e todos se empenhando na busca do seu próprio espaço de realização. Um bom exemplo disso são os pontos de contato estabelecidos entre a opinião da comentarista e

as réplicas surgidas a partir da fala dela. Mas nem sempre isso ocorre: em alguns casos, discursos que apresentam vozes sociais calcadas em bases semelhantes podem ter sentidos discrepantes. É o que ocorre na terceira e última figura que iremos analisar.

Figura 3 – Comentários no *post* que celebra toda forma de amor (parte 2)



Fonte: Página da *Quebrando o Tabu* no Facebook (2021).²⁶

Na Figura 3, há três colunas compostas por comentários de usuários de *Facebook*. Na primeira delas, ocorre um comentário referente ao *post* sobre o qual estamos tratando ao longo de nossa análise de dados. O discurso materializado nessa caixa de texto vozeia uma ideologia conservadora e embasada em dogmas religiosos, o que pode ser visto nas expressões "afronta contra Deus" e "escolhas pecaminosas". Em resumo, o comentário em questão condena a relação LGBTQIA+ centrada mostrada na Figura 1 e utiliza argumentos de caráter religioso, baseados em interpretações de trechos da bíblia, para atacar a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e afins.

Na segunda e na terceira coluna de comentários presentes na Figura 3, por outro lado, ocorrem réplicas a respeito do que foi dito na primeira coluna. O interessante é que a voz social presente nessas arguições advém do mesmo campo

político-ideológico a partir do qual o primeiro comentário foi verbalizado, mas, diferente dele, os preceitos religiosos, nesse caso, são utilizados para defender a causa LGBTQIA+. Isso pode ser notado a partir de pareceres do tipo: "até o papa falou que devemos aceitar o próximo", "eles têm livre arbítrio", "amar ao próximo é isso", "tomar conta da vida alheia também é pecado" e "Deus é amor". Isso ratifica que os enunciados, sejam eles dos campos da vida cotidiana ou dos campos normatizados, são recheados e refratados por ideologias. Em outras palavras, os enunciados são sempre frisados pela valoração de certa ideologia; no entanto, as apreciações valorativas acerca de um mesmo assunto e dentro de um mesmo campo podem ser diferentes, como ocorre no último dado apresentado.

No caso da Figura 3, portanto, a voz social que, inicialmente, no primeiro comentário, soou religiosa, acabou ressoando, paródica e polemi-

²⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandoatabu/photos/4228065820583106>. Acesso em: 28 fev. 2021.

camente afiada, como diria Bakhtin (2015), nas réplicas a esse comentário, contra os valores ultraconservadores que segregam e arregimentam a sociedade. Isso corrobora a assertiva de que o heterodiscurso está diretamente ligado às relações dialógicas entre os interlocutores, que têm suas impressões e entendimentos acerca de certa problemática social, podendo protagonizar “dissonâncias individuais” (BAKHTIN, 2015, p. 29).

Dado o exposto, as enunciações materializadas na *post* de *Facebook* por nós analisado, à luz da perspectiva bakhtiniana, são dialógicas, uma vez que consideram as múltiplas e variadas vozes já-ditas, que, em seus turnos, formam um heterodiscurso social e se adiantam à responsividade pelos interlocutores, de forma não indiferente ou negligente. Essas enunciações aqui apresentadas nasceram em elos discursivos e são externamente circundadas, como vimos em vários momentos ao longo desta análise, por signos ideológicos — reacentuados ou não — situados em grupos sociais específicos e constituídos historicamente. Vale ressaltar que os sujeitos são seres inacabados e, desse modo, procuram seu próprio acabamento no discurso do outro.

Considerações (não) finais

A partir do mote sobre o beijo entre Lucas e Gilberto e a discussão sobre bifobia dentro e fora do *Big Brother Brasil*, os moderadores da página *Quebrando o Tabu* produziram um enunciado heterodiscursivo, isto é, atulhado de vozes sociais que são encontradas em vários setores do cenário político do Brasil atual. Para demonstrarmos isso, valemo-nos dos estudos de Bakhtin e seu *Círculo* como suporte constitutivo das relações do eu com o outro, incrementadas, intensificadas e guiadas por vetores sociais, políticos e culturais, que são interpelados por múltiplas ideologias.

Por meio deste artigo,²⁷ vimos que o heterodiscurso dialogizado se materializa, também, nos comentários on-line em *posts* de *Facebook*. Neles, inclusive, o “ouvinte” faz-se “falante” e, por sua vez, aguarda um *feedback* de sua réplica,

além de dialogar com os demais participantes da cena enunciativa – os outros comentadores – e não só com eles, mas também com a temática em sua dimensão social, acompanhada dos já-ditos e das muitas vozes sociais que circulam no ambiente digital no qual está situado o objeto do presente artigo.

Em nossa análise, ratificamos que, no dialogismo perene, o ser humano descobre o lugar de sua liberdade e de seu inacabamento. Ele, de forma alguma, é submetido de modo completo aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal”, portanto, se dá na “interação viva das vozes sociais”. Nesse “simpósio universal”, cada ser humano é social e individual.

Além disso, neste artigo, pensamos os discursos LGBTQIA+(fóbicos) a partir de sua composição, organização e disseminação, tomando o *ciberespaço* como *lôcus* de fomento e execução de discussões. Consideramos que o debate acerca de fatos do dia a dia tem sido estimulado e aprofundado nos últimos anos, sobretudo com o aumento da viabilidade de alcance e uso das redes sociais virtuais, tais como o *Facebook*, eficiente ambiente de interação e discursividade dos sujeitos dos dias hodiernos. Assim sendo, pensar a causa LGBTQIA+ nessa interface digital reclama que entendamos as reivindicações desse movimento, que enfrenta uma lógica estruturalmente (ultra)conservadora, machista e patriarcal.

O trabalho do movimento LGBTQIA+ e dos demais agentes sociais e dialógicos envolvidos nessa questão, portanto, é uma batalha diária que abarca o confronto com discursos arregimentadores — que dão base e fortalecem discursos de ódio à comunidade LGBTQIA+ — e a importância de se discutir estratégias de abordagem do assunto para que haja uma efetiva transformação social no que se refere a essa temática.

Referências

ALBERNAZ, R. O.; KAUSS, B. S. Reconhecimento, Igualdade Complexa e Luta por Direitos à População LGBT Através das Decisões dos Tribunais Superiores no

²⁷ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O conteúdo deste trabalho é produto do amparo dessa instituição.

Brasil. *Psicologia Política*, Florianópolis, [S. l.], v. 34, n. 15, p. 547-561, 2015.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, M. M. *Teoria do Romance I: A estilística*. 1. ed. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov, Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BORTOLETTO, G. E. *LGBTQIA+ : identidade e alteridade na comunidade*. 2019. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Produção Cultural) – Escola de Comunicações e Artes, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CARMO, M. J. C. Heteroglossia. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (org.). *Diálogos em Verbetes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 113-118. (Coletânea Verbetes. Noções e Conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem).

CASTELLS, M. *Communication power*. New York: Oxford, 2009.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. *ALCEU*, Rio de Janeiro, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 168-187, jan./jun. 2014.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 79-123, 2003.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

KEMP, S. Digital 2022: Global overview report. *Datareportal*, [s. l.], 22 jan. 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>. Acesso em: 11 mar. 2022.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LISBOA, A. Facebook volta a apresentar crescimento de usuários em 2022. *Canaltech*, [S. l.], 28 abr. 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/facebook-volta-a-apresentar-crescimento-de-usuarios-em-2022-215101>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MELO JÚNIOR, O. M. B. Forças Centrifugas Forças Centrípetas. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (org.). *Diálogos em Verbetes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 101-104. (Coletânea Verbetes. Noções e Conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem).

PINHEIRO, M. L. P. *Discursos: marcas de dialogismo e alteridade em sujeitos autores no facebook – faces de identidade*. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. *Na trilha do arco-íris: do homossexual ao movimento LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. In: SIMPSON, J. *The routledge handbook of applied linguistics*. London, New York: Routledge, 2011. p. 668-682.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

XAVIER, A. C. S. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 73-90, dez. 2015.

Filipe Santos Guerra

Mestre em Linguística e graduado no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas (Português e Respectivas Literaturas) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista, BA, Brasil. Doutorando em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista, BA, Brasil.

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Campinas, SP, Brasil. Mestre em Linguística Aplicada pela mesma instituição. Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL/PPGLin/UESB), em Vitória da Conquista, BA, Brasil.

Endereço para correspondência

Filipe Santos Guerra

Márcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Estrada Bem Querer, Km-04, 3293, 3391, Módulo de Medicina, sala do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Linguística

45083-900

Vitória da Conquista, BA, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.